



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da barragem do Ribeirão João Leite**

Goiânia-GO, 12 de fevereiro de 2010

Meu caro amigo e governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues, e
sua senhora, Raquel Rodrigues,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Meu querido companheiro Geddel Vieira Lima, ministro da Integração
Nacional,

Meu querido companheiro Henrique Meirelles – na verdade, é presidente
do Banco Central e ministro ao mesmo tempo,

E companheiro Franklin Martins, ministro da Secretaria de Comunicação
Social,

Meu caro amigo Ademir Menezes, vice-governador de Goiás,

Meu caro amigo Helder Valin, presidente da Assembleia Legislativa de
Goiás,

Desembargador Paulo Teles, presidente do Tribunal de Justiça de
Goiás,

Companheiros deputados, Leandro Vilela, Marcelo Melo, Pedro Chaves,
Pedro Wilson, Roberto Balestra, Rubens Otoni e Sandro Mabel,

Meu caro companheiro Iris Rezende, prefeito da cidade de Goiânia, por
meio de quem cumprimento todos os prefeitos das cidades de Goiás que estão
aqui presentes,

Dom Washington Cruz, arcebispo metropolitano de Goiânia,

Senhor companheiro Nicomedes Domingos, presidente da Saneago,

Companheiros deputados estaduais,

Secretários estaduais,



Vereadores,

Companheiros e companheiras do meu querido estado de Goiás,

Companheiro Alcides, quando a história do Brasil for lida daqui a alguns anos, nós vamos detectar que houve um tempo neste país em que teve um conjunto de governantes tão republicanos que fez com que o Brasil desse certo. Ninguém aqui, ninguém, nenhum de vocês que faz política em Goiânia, nenhum de vocês que faz política no Brasil desconhece que a prática política do Brasil é que o presidente da República só coloca dinheiro nos estados em que seus amigos governam, os governadores só colocam dinheiro nas cidades que seus amigos prefeitos ou aliados governam, e aqueles, que por não concordarem fazem oposição ou pertencem a partido de oposição, normalmente terminam o mandato e começam o mandato a pão e água, sem receber quase que nada dos governantes.

Nós mudamos essa prática, e mudamos essa prática... Basta perguntar para os prefeitos que administraram cidades aqui neste estado antes de nós chegarmos à Presidência da República. Não precisa perguntar para prefeitos de outros estados, perguntem para os prefeitos que governaram essas cidades deste estado antes de nós chegarmos à Presidência da República, a quantidade de recursos federais que iam para as cidades. E podem perguntar a qualquer prefeito de qualquer cidade deste país, de qualquer estado, como era que os prefeitos eram tratados pelo governo federal na distribuição de verbas, como era que os governadores dos estados tratavam os prefeitos que não fossem seus apadrinhados, que não fizessem parte do curral eleitoral dos governadores. Nós mudamos essa história.

Todo mundo sabe que eu apoiei o companheiro Maguito Vilela na eleição para governador, quatro anos atrás. Conheci o Alcides, ele ia em alguma coisa substituindo o ex-governador. Pois bem, agora pergunte ao companheiro Alcides se depois que ele foi eleito governador, se pelo fato de



ele ter sido candidato contra um candidato que eu apoiei, se faltou para ele um centavo que Goiás tivesse direito e que tivesse projeto para que a gente pudesse ajudar. Aliás, deveria perguntar para o outro se quando ele era governador de um partido de oposição faltou dinheiro aqui para o estado de Goiás. Poderia perguntar para o governador de São Paulo, perguntem, perguntem ao governador de Minas Gerais, perguntem ao governador de Alagoas, perguntem à governadora do Rio Grande do Sul, todos de partido de oposição, se nós, em algum momento, deixamos de dar um centavo porque eles fazem oposição ao governo.

Não é assim que alguém que tem decência e alguém que tem noção republicana governa um país. Governar um país não é criar um grupo de amigos, governar um país é olhar para os interesses de cada um dos 190 milhões de brasileiros que moram nesses 8,5 milhões de km² e tratá-los, todos, em igualdade de condições, embora os governantes pertençam a partidos diferentes.

Não faz muito tempo, na crise econômica mundial que aconteceu, em que eu tomei a decisão de comprar a Nossa Caixa, que era o banco mais importante de São Paulo. Alguns amigos meus diziam: “Mas, Presidente, o senhor vai comprar a Nossa Caixa? O senhor vai dar R\$ 6 bilhões para o governador de São Paulo num ano de eleição?”. Eu dizia: vou, vou. E vou porque eu quero transformar o Banco do Brasil no maior banco do Brasil mesmo. Eu quero resolver o problema do crédito que os bancos particulares não estão resolvendo. E não comprei apenas a Nossa Caixa; comprei 50% do Banco Votorantim; compramos o Banco do Piauí, o Banco de Santa Catarina, o Banco do Espírito Santo. Em vez de privatizar esses bancos, nós compramos pelo Banco do Brasil.

E quem é que salvou o crédito na crise econômica? O companheiro Meirelles, presidente do Banco Central, a quem eu pedia, em toda reunião: Meirelles, eu quero que você me traga o crédito. Como é que está o crédito? E



os bancos privados pararam de emprestar dinheiro. Se não fossem os bancos públicos, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e o BNDES, a gente tinha levado este país a uma crise tão grave quanto a crise que se abateu na Europa e nos Estados Unidos.

Mais recentemente, três estados adversários, Alcides – não foi nenhum estado aliado –, precisavam de dinheiro do Banco do Brasil, precisavam que o Banco do Brasil comprasse as folhas de pagamento. Outra vez: “Você vai dar dinheiro, Lula, para os seus adversários?” Pois vou dar, porque durante o processo de campanha, eu quero que as pessoas tenham a decência de fazer oposição, mas reconhecer que neste país, um dia, teve um torneiro mecânico que os tratou em igualdade de condições com os governadores do meu partido e os meus aliados. Não há diferenciação. E não acredito, não acredito que seja possível utilizar esse dinheiro para fazer campanha. Não acredito. E se fizerem, perderão com dinheiro ou sem dinheiro. É importante ter claro.

Bem, uma outra coisa importante que nós temos que ver o que está acontecendo no Brasil para este momento auspicioso. O governo Geddel outro dia me chamava a atenção e dizia o seguinte: “Presidente, o governo precisa tomar cuidado, porque o governo está com uma megalomania. Esse negócio de o senhor trabalhar junto com a Dilma e com a Petrobras, esse negócio dos projetos de 30 bilhões, 40 bilhões, 50 bilhões, 60 bilhões, 30 bilhões, 8 bilhões, 3 bilhões, 4 bilhões... Qualquer obra da Petrobras é mais de bilhão”. Então, vocês estão perdendo de dar importância a obras, às vezes, de 5 milhões, que têm uma importância extraordinária em uma cidade. Um, dez milhões que a gente utilize na drenagem de uma pequena cidade, às vezes tem mais importância do que uma obra de 1 bilhão, às vezes tem.

Eu também tenho consciência... e aqui, quem é engenheiro e os empresários da construção civil que estão aqui, e os donos de empresa da construção civil sabem, sabem que não há, na história do Brasil, nenhum momento em que se tenha tanto investimento em obras públicas, sobretudo em



saneamento básico, como nós temos agora no Brasil. Porque antigamente os políticos não gostavam de saneamento básico. Saneamento básico é sempre uma coisa ruim de fazer e tem que enterrar dinheiro. E, depois, não dá para a gente colocar o nome da vovó da gente em uma manilha. Ela está embaixo da terra. Então, é bom fazer viaduto, é bom fazer essas coisas, porque dá para colocar o nome dos parentes da gente.

Pois bem, acontece que nós fizemos uma opção, uma opção que, muito melhor do que uma parede de concreto para você colocar o nome de um parente, muito mais importante é a gente ver uma criança brincando descalça em uma rua, sem pisar em esgoto a céu aberto, com saúde. É muito melhor uma criança poder jogar bolinha de gude em uma rua que não tem asfalto, mas tem saneamento, tem coleta e tem tratamento.

Neste país, companheiro Alcides, cidades praianas importantes, bonitas, famosas não têm um metro de tratamento de esgoto, porque as pessoas não gostavam, e nós achamos que fazer tratamento de esgoto é a gente investir na saúde. E por isso que nós estamos fazendo muito. Não existe na história, e os empresários são testemunhas disso. E mais uma coisa: empresário, antes do nosso governo, contratava obra, não sabia se ia terminar e não sabia se ia receber. Eu faço um desafio aqui – a imprensa está aqui, estão os empresários –: se há algum momento em que se pagou aos empresários tão em dia, as obras contratadas pelo governo federal em todos os Ministérios.

Tem coisa que não está no controle da gente: o aeroporto de Goiânia. Já era para ter inaugurado esse aeroporto. Acontece que essa obra está embargada. Tem uma perícia sendo feita, um juiz determinou a perícia e nós resolvemos, já, que quando terminar essa perícia, nós vamos contratar o Exército para fazer essa obra, para ver se a gente termina essa obra.

Porque no Brasil, no Brasil... eu sou daqueles, sou daqueles que defendo muito a ideia do companheiro Paulo Bernardo de fazer uma mudança na lei de licitação, fazer uma coisa mais funcional, que possa ser



(incompreensível), mas que possa ser funcional. Uma coisa que possa mostrar toda a dureza no controle e no combate à corrupção mas, ao mesmo tempo, que crie condições para a gente fazer o projeto, licitar uma obra e terminar. Hoje, hoje você faz uma licitação, uma empresa que perde, vai para a Justiça e embarga uma obra dois ou três anos.

É preciso que a gente, então... e aí, acho que é um desafio enorme para a bancada de deputados, e não vai ser mais neste mandato, porque a cabecinha de vocês agora só está pensando em eleição, só pensam naquilo, não vão ter grandes preocupações daqui para frente. Mas, de qualquer forma, eu acho que tudo isso nós vamos preparar para que quando vier o próximo governo, ele tenha a coisa mais ou menos preparada para mudar. E não é que a gente queira diminuir as exigências. A gente quer fazer as coisas sérias.

Eu, de vez em quando, eu conto uma história. Uma foi lá no canal do sertão, eu estava com o Geddel. Uma antropóloga – é isso? – paralisou uma obra seis meses porque ela encontrou uma pedra que parecia uma machadinha indígena. Simplesmente parou uma obra, um canal, que custa R\$ 6 bilhões, foi paralisada uma parte dessa obra porque se encontrou ali uma machadinha índia. Depois de seis meses, depois de seis meses, descobriu-se que não era uma machadinha indígena coisa nenhuma, era uma pedra comum. E ninguém se responsabiliza pelo prejuízo de uma obra paralisada durante seis meses. No túnel da BR-101, lá em Osório, vindo da Argentina para cá, no Rio Grande do Sul, encontrou-se uma perereca e achou-se que a perereca estava em extinção. Por conta disso, a obra ficou paralisada seis meses, seis meses. Aí descobriu-se que a perereca não estava em extinção. Graças a Deus, porque perereca não pode se extinguir nunca.

Bem, eu estou contando essas coisas para vocês verem as dificuldades que nós precisamos arrumar. Porque é um sofrimento, é um sofrimento, e talvez não seja culpa individualmente de ninguém, é uma culpa de um conjunto de coisas que nós fomos fazendo durante uma série de anos e que, na hora



em que a gente tira a fotografia e vê o todo, a gente percebe o que acontece no País.

Por exemplo: durante 25 anos, a gente paralisou a máquina de execução nesse país. Vamos ser francos, o último governo que investiu em obras de infraestrutura para valer foi o governo Geisel. Agora, qual foi o erro? É que ele não tinha dinheiro, endividou o País, e depois os outros tiveram que começar a pagar a conta, porque os juros americanos eram quanto, Meirelles? Quatro ou 5% e os americanos, para resolver o seu problema, aumentaram para 21% e isso veio na conta de quem devia. Então, quem chegou depois do Geisel – o Figueiredo e os outros – teve que pagar o desenvolvimento feito pelo Geisel. Nós estamos fazendo de forma diferente, porque estamos fazendo com o nosso dinheiro. Não estamos pedindo dinheiro ao FMI, pelo contrário, estamos emprestando US\$ 14 bilhões para eles. Bem, então nós estamos fazendo essas obras hoje com os nossos recursos. E como o País ficou 25 anos sem investimento... E quando eu falo isso, os empreiteiros sabem o que foram esses últimos 25 anos. Ora, o que a gente percebeu? As empresas também foram sendo desmontadas, porque não tinha mais grandes obras no Brasil, ou seja, os empresários brasileiros começaram a ir para a Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Bolívia, Equador, América Central, África, Oriente Médio, o aeroporto da Líbia está sendo feito por uma empresa brasileira. O aeroporto de Miami, é por uma empresa brasileira. Estádio de futebol, é por empresa brasileira. Saneamento básico, na maioria dos países africanos, é por empresa brasileira. E aí, quando nós começamos a investir em infraestrutura as empresas estavam, não apenas descapitalizadas, mas empresas não tinham sequer máquinas.

O Exército brasileiro, que sempre serviu como instrumento para fazer obras em lugares de mais difícil acesso, o Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro estava totalmente desmontado, não tinha uma máquina. Hoje, já tem tantas máquinas, que estão causando ciúmes em algumas empresas, porque



estão achando que eles estão virando uma grande empresa. E nós utilizamos eles para fazer coisas, quando nós percebemos que os empresários não se entendem e começam a brigar entre si, e nós metemos o Exército lá, até eles aprenderem a fazer as coisas sem brigar tanto, porque se não for assim, também, as coisas não funcionam.

Bom, pois bem, então depois desses 25 anos sem obras, o Brasil estava desacostumado, este é o dado concreto. Os prefeitos, o Alcides sabe, não tinham projetos, não tinham projetos. Quando a gente foi fazer o primeiro PAC, nós passamos um ano e meio construindo projetos, porque não tinha. Agora no segundo PAC está todo mundo mais esperto, porque eu digo todo santo dia, e vou dizer para vocês aqui: o que faz o dinheiro é o projeto. Não adianta um prefeito chegar: “Presidente, na minha casa, na minha cidade eu estou precisando de tal coisa”. Tem projeto? Tem licença ambiental? Tem projeto executivo pronto? Aí é possível aparecer o dinheiro. Mas se tiver só vontade, vai ficar na vontade. É preciso produzir, e nós estamos produzindo esses projetos.

Pois bem, vamos pegar um caso aqui marcante, Alcides, que você falou: a ferrovia Norte-Sul. Eu falo dela com muito orgulho, porque fui contra ela quando o Sarney lançou ela. Eu, acho que o Geddel, acho que o Geddel... Eu lembro - eu converso muito com o ministro Jobim – quantos discursos a gente fez contra a Norte-Sul. A gente dizia que era ferrovia, que ia ligar o nada ao nada, que não sei das quantas...

Pois bem, toca eu a assumir a Presidência, para passar a fazer aquilo que os outros que eram favoráveis não fizeram. Então, nós já fizemos até agora mais que todo período do governo Sarney, que foi quem lançou a obra, depois o Collor, depois o Itamar, depois o Fernando Henrique Cardoso. Nós já fizemos nesse período, mais do que todo esses governos juntos e vamos terminar até Anápolis, são 1.023 Km... 1003 Km. A ideia nossa é inaugurar ainda este ano esse trecho. E depois nós vamos já colocar no PAC II até



Estrela d'Oeste, em São Paulo, mais 600 km, para que a gente possa fazer essa ligação do Caribe à Patagônia.

Depois nós vamos começar, ainda... talvez em março, a gente vá lançar a pedra fundamental e a gente começa a obra ainda este ano da Ferrovia Leste-Oeste, que vai pegar o Porto de Ilhéus, lá na Bahia, vai atravessar o estado da Bahia por Caetité, por Barreiras, vai chegar ao estado do Tocantins e Goiás, vai atravessar a Norte-Sul e, daí, nós queremos seguir até o Pará, outra vez, para a gente tentar interligar o Brasil inteiro por rodovia... por ferrovia.

E uma outra coisa que vai entrar no PAC II é a questão das eclusas. Até algum tempo atrás, era proibido falar em eclusa neste país. Agora virou moda falar em eclusa, então nós vamos aproveitar o potencial dos rios que nós temos, para ver se a gente consegue aumentar o potencial do transporte fluvial, dentro dos nossos rios, para baratear o custo da nossa produção agrícola e facilitar o escoamento da nossa produção. Essa vai ser uma coisa do PAC II que, se tudo der certo, nós vamos anunciar, agora, no dia 26 de março.

E por que é que a gente vai ter que anunciar? É porque quando a gente for fazer a LDO, nós já temos que colocar uma previsão. Quando a gente mandar o orçamento, em agosto, já tem que colocar dinheiro no Orçamento. E quando for discutir o Plano Plurianual, vai ter que ter as obras dos próximos quatro anos. Então, nós vamos apresentar isso para que quem vier depois possa, então, começar já a trabalhar.

Uma coisa importante que vocês estão acompanhando: Belo Monte. Belo Monte ficou 20 anos proibido de fazer o estudo. Proibido! Nós não fizemos o estudo. Como já conseguimos a licença prévia, logo, logo vai ter a licitação da construção da hidrelétrica de Belo Monte, porque as pessoas estão descobrindo que a energia mais limpa possível é a energia hídrica, e que a gente, então, vai utilizar o potencial dos rios brasileiros, levando em conta a necessidade da preservação ambiental.

E vamos também apresentar ao Brasil uma coisa chamada hidrelétrica



plataforma, que é um novo modelo de hidrelétrica em que a gente vai apenas fazer o desmatamento para construir a hidrelétrica. Depois vai fechar o desmatamento, não vai permitir a entrada de ninguém para não ter casa, não ter nada, e os trabalhadores que forem trabalhar na hidrelétrica, eles vão trabalhar como se fossem trabalhar numa plataforma da Petrobrás, em alto mar. Eles vão de helicóptero, descem lá na hidrelétrica, trabalham, ficam um certo tempo e voltam para casa, sem ter estrada, sem ter nada na hidrelétrica. Esse é um modelo que a gente vai apresentar, que eu acho que a gente vai deixar o mundo boquiaberto de conhecer o que é o nosso projeto plataforma para fazer hidrelétrica.

E aí, fazer o debate com a sociedade, fazer as audiências públicas que tiver que fazer, discutir com os nossos companheiros ambientalistas para que a gente, democraticamente, consiga convencer a sociedade brasileira de que não tem volta para o Brasil. Este país vai se transformar numa grande potência econômica nos próximos anos. É por causa do pré-sal, é por causa da Amazônia, é por causa da descoberta da biodiversidade, é pelo aproveitamento das coisas que a gente tem.

O que nós temos que ter em conta é o seguinte: nenhum povo será um povo vencedor se o general viver de cabeça baixa, achando que tudo é difícil. Pensem na desgraça de uma família se o pai ou a mãe se levantam todos os dias dizendo: “Ah, não vai dar certo. Eu não vou sair de casa porque vai chover”. E a mãe fala: “Eu não vou sair porque tem muito sol. Eu não sei se eu vou sair porque eu não tenho dinheiro, eu não tenho roupa nova. Ah, eu não comprei o batom”. Imaginem a desgraceira que causa na família se o pai e a mãe ficarem nesse “chororô” o tempo inteiro.

Imaginem um presidente da República ficar o tempo inteiro dizendo: “Não posso fazer isso porque sou pobre. Não posso fazer isso porque sou pobre”. Tinha gente que falava: “Ah, não dá para trazer as Olimpíadas para o Brasil porque o Brasil é pobre. O que é que vai fazer Olimpíadas?”. Gente que



pensa assim é gente que joga para trás o tempo inteiro, parece caranguejo. É um ser humano caranguejo. Porque as pessoas perderam a noção do que significa trazer uma Olimpíada para o País. As pessoas perderam a noção do que significa trazer uma Copa do Mundo para o País. As pessoas perderam a noção do que vai ter de investimento, do que vai ter de autoestima do povo brasileiro. Agora, eu só não posso garantir que a gente vá ganhar. Só não posso garantir a Copa, porque também seria dar muito na cara. O Tribunal de Contas viria em cima de mim e pediria uma fiscalização se eu dissesse... Não, não vamos fazer isso. Não vamos prometer que vamos ganhar. Nós vamos prometer que vamos realizar a melhor Copa do Mundo que já foi realizada.

Porque tem uma coisa, tem uma vantagem comparativa, tem uma vantagem comparativa. Você imagine a televisão brasileira mostrando um estádio. Faz de conta que, Geddel, você está em um estádio. Qual é o país europeu do mundo que pode mostrar um índio simpático como aquele, vendo uma Copa do Mundo? Vendo um negro ao lado de um branco? Ou seja, essa diversidade da raça brasileira é uma coisa tão extraordinária, e a criatividade do brasileiro é tão fantástica que eu estou convencido de que nós vamos não apenas fazer uma bela Copa do Mundo, é que nós vamos passar a vender para o resto do mundo um jeito de ser, o jeito do brasileiro, o jeito das pessoas. Por que o Brasil está respeitado lá fora? Não é porque eu sou mais bonito do que aqueles que vieram antes de mim. Não é porque eu sou mais bonito. É apenas porque eu aprendi, desde pequeno, que ninguém me respeita se eu não me respeitar. Eu respeito todo mundo, mas aprendi a não baixar a cabeça para ninguém. Aprendi a não baixar a cabeça para ninguém. Não ando de nariz empinado, mas não baixo a cabeça. É para conversar um olhando no olho do outro. Você vê, no mundo animal: se um cachorro estiver grunhindo para o outro e parar de olhar, baixar a cabeça, o outro vai em cima do pescoço dele.

Então, é preciso que a gente aprenda a gostar da gente mesmo. E, antes, nós não gostávamos, tudo dos outros era melhor. “Ah, porque os



americanos são isso”, os brasileiros iam quase que humilhados fazer as coisas lá fora... Isso acabou. Gosto de todo mundo, trato todo mundo com respeito – o Meirelles me acompanha em muitas das viagens –, mas sabe, o seguinte: o que nós queremos é ser respeitados. Não venham conversar com a gente como se a gente fosse um milímetro menor. Não somos. Nós somos iguais. Temos os mesmos direitos, e estamos falando em nome do nosso povo. Por isso que não há espaço para cabeça baixa.

O Meirelles sabe que, antes dele no Banco Central, a gente ia negociar com o FMI, até o porteiro fazia exigência para a nossa delegação. Até o porteiro. Ele sabe que a gente era humilhado lá fora. Era humilhado. O Brasil tinha fama de não cumprir palavra. Porque, também, estava cheio de brasileiro cheio de jeitinho, não é? Os caras acham que podem enganar todo mundo há muito tempo. Eu não quero enganar ninguém, mas não quero ser enganado. É essa a relação que o Brasil estabeleceu com o mundo e é por isso que o Brasil hoje é respeitado. É por isso que hoje o Brasil é importante no G-20, é importante no G-8, é importante no G-13, é importante no G-4, é importante no G-3. Crie um “G”, que o Brasil está lá dentro. Por isso, não tem país, Geddel, mais preparado para encontrar o ponto “G” do que o Brasil.

Não, é isso, é isso que...Quando a gente vai fazer as coisas gostando da gente, quando as coisas vai fazer as coisas respeitando a gente... eu fico olhando os outros presidentes, e eu fico pensando: “peraí”, quem é deles que tem relação com o povo melhor do que a minha? Quem é deles que conhece a vida que eu conheço? Quem é deles que já teve que acordar à meia-noite, com água batendo no pé da cama? Levantar disputando espaço com rato, com barata, com merda? Quem é deles que já fez isso? Então, é isso que dá à gente autoridade para exigir um tratamento adequado para tratá-los adequadamente.

Por isso, inaugurar esta obra, para nós, é apenas, Alcides, o cumprimento de mais uma tarefa. Nós vamos ter eleições daqui a pouco,



vamos ter eleições. Eu, eu gostaria que todo mundo estivesse junto no mesmo barco, remando para o mesmo lado. Eu acho que é impossível. Da outra vez que eu vim aqui, eu citei o nome do Meirelles, deu um bafafá desgramado. Desta vez eu já não citei mais. Desta vez eu disse: Meirelles, fique no governo até o final, cumpra com o seu mandato comigo até o final e se você vai ser ou não candidato é uma questão do PMDB. Se vai ser o Iris eu não dou mais palpite, mas (incompreensível) aliado. Se o Alcides acha que tem que ter uma terceira candidatura, eu também não dou palpite, ou seja: vocês encontrem uma fórmula. O que vocês não podem é deixar o passado voltar da forma autoritária que se governou este estado. Mas aí a coisa é com vocês, não é comigo. Eu apenas, apenas gostaria de poder participar da campanha aqui, com os meus aliados. Como eu tenho muitos aliados, eu espero participar da campanha aqui.

Mas, está chegando o momento, muitos ministros vão se afastar para serem candidatos, eu acho que é um direito legítimo. Agora, da minha parte, é o seguinte: o governo federal não para, não para. Quem pensar que eu vou diminuir minhas viagens por causa das eleições, vai cair do cavalo, porque os ministros que ficarem, eles não sabem o que está esperando eles. Eles não sabem, porque se os atuais trabalham muito, pobres dos que vierem. Porque eu vou montar uma sala de comando em que eu mesmo vou comandar. Eu quero, eu quero, quero concluir tudo o que for possível concluir, porque se ficar no final do mandato as pessoas começam a afrouxar, começam a afrouxar. Nego já não quer mais dar tapinha nas minhas costas. Já quer dar tapinha nas costas de quem ele pensa que vai ser, então... É verdade. Nego já não quer... nego já não quer mais cumprimentar quem lhe paga o salário. Já está pensando em quem vai pagar o próximo.

E como eu tenho compromisso com o povo brasileiro de entregar as coisas, eu tenho compromisso de trabalhar até o dia 31 de dezembro de 2010, à meia-noite, quando eu vou parar para comemorar o ano, tomar um uísque,



me preparar para entregar... Um uísque ou uma caninha boa, se alguém de Goiás me der, né, pô! Porque Goiás fala, fala que produz caninha boa, mas só me dão empadão. As caninhas que eu ganho são de Minas Gerais. Então, ó... mas não precisa dar agora, não. Não precisa dar agora, não. Dê depois, senão a imprensa vai fotografar, como é que vai ficar? Uma pessoa chique, uma pessoa chique ganhando uma garrafa de cachaça é uma coisa chique. Agora, um metalúrgico ganhando é porque ele é cachaceiro. Então, guarde para dar depois.

No mais, eu estou, eu estou muito feliz, Alcides, e quero te dizer uma coisa, Alcides: eu acho que a tua eleição para Goiás foi uma compensação e uma grata surpresa na relação que você estabeleceu comigo. Eu, na verdade, muito mais do que um governador, eu tenho em você um companheiro e um amigo, isso já provado em muitos momentos.

Por isso, parabéns a você. Parabéns, Iris, pela obra que você recebe. O Geddel falou que, durante os próximos 30 anos, goiano vai ter direito a tomar banho três vezes por dia, a ficar 30 segundos embaixo do chuveiro. Não, porque uma cidade bonita como Goiânia não pode ficar sem água. E também Aparecida, né? Aparecida, porque senão o Sandro Mabel e o Maguito Vilela me matam se eu não disser: a água vai atender Goiânia e Aparecida.

Então, parabéns, parabéns. O dia de hoje é gratificante e quem não pôde vir aqui, por soberba, vai só lamentar.

Um abraço.

(\$211A)